

## **Valor Econômico Online - 28/09/2017**

### **Hidrelétricas da Cemig são vendidas por R\$ 12 bilhões**

O leilão de venda de quatro hidrelétricas realizado ontem pelo governo federal em São Paulo foi um sucesso mesmo com a névoa de insegurança criada pela Cemig, que tentou impedir a realização do certame até o último instante. Entre um lote e outro, as vozes dos poucos manifestantes contrários à privatização do lado de fora da B3 muitas vezes se sobressaíram em relação aos anúncios de abertura dos envelopes, mas isso não reduziu o interesse dos investidores pelos ativos ofertados. O governo conseguiu arrecadar R\$ 12 bilhões em outorgas, ágio de R\$ 1 bilhão em relação aos mínimo esperado.

O maior destaque foi a atuação da chinesa SPIC Overseas, que arrematou a concessão de São Simão, a maior das usinas ofertadas, e se comprometeu a pagar R\$ 7,18 bilhões em outorga, ágio de 6,51% ante o montante mínimo estabelecido pelo governo, de R\$ 6,7 bilhões.

Até então, a companhia tinha uma atuação discreta no Brasil, por meio da Pacific Hydro, que foi adquirida pela chinesa no começo do ano, e que opera dois parques eólicos no Nordeste, que somam 58 megawatts (MW) de potência. A SPIC Overseas, porém, vinha tentando se consolidar no Brasil há um certo tempo.

A companhia chinesa estava negociando com Odebrecht e Cemig a aquisição da participação das duas na megausina de Santo Antonio, no rio Madeira (RO), mas as tratativas foram suspensas há pouco mais de um mês por não haver um acordo sobre as condições da transação.

Depois de arrematar a concessão de São Simão ontem, no único lance pela hidrelétrica, a SPIC, que aparentava ter fôlego para levar todos os ativos licitados, retirou as propostas pelas demais usinas. Isso se explica pelo perfil das grandes empresas chinesas, que se concentram na gestão de grandes ativos, e não de médio porte como é o caso de Jaguará, Miranda e Volta Grande.

As três hidrelétricas ficaram com estrangeiras já veteranas no Brasil. A franco-belga Engie levou as usinas de Jaguará e Miranda, ao desembolsar, respectivamente, R\$ 2,171 bilhões e R\$ 1,36 bilhões por cada uma, ágio de 13,59% e 22,43. A italiana Enel também fez lances pelas duas usinas, mas foi derrotada. No caso de Volta Grande, a Enel foi a única a fazer oferta, de uma outorga de R\$ 1,292 bilhão, prêmio de 9,85%.

"O leilão foi 100% bem-sucedido. Houve ofertas pelos quatro lotes, e não era um leilão qualquer, o valor mínimo [da outorga] era de R\$ 11 bilhões", disse **Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil**. Segundo ele, a expectativa não era de um "ágio estratosférico", justamente pelo valor mínimo já ser muito alto.

A avaliação de que a disputa foi um sucesso é compartilhada por Thais Prandini, diretora da consultoria Thymos Energia. "Claro, se o governo fizer aprimoramentos vai conseguir mais investidores [em outros leilões]. Mas foi considerado um sucesso, todas as usinas foram vendidas com ágio interessante", disse.

Até a noite de terça-feira, ainda havia incerteza se o leilão iria de fato ocorrer. O ministro Dias Toffoli, presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), negou no fim daquele dia o pedido da Cemig para suspender a disputa. A estatal recorreu contra a decisão na manhã de ontem, mas o mérito ainda não foi apreciado.

O secretário especial da Secretaria do Programa de Parcerias de Investimentos (PPI), Adalberto Vasconcelos, lembrou ainda que há um acórdão do Tribunal de Contas da União (TCU) que determinou que o leilão era o caminho "adequado" para as hidrelétricas.

Os riscos jurídicos associados às tentativas da Cemig de manter as concessões, impedir ou cancelar o leilão eram vistos como obstáculos ao sucesso do certame. Para advogados com atuação na área, a estatal mineira vai seguir tentando anular o resultado, mas ainda assim o risco é considerado pequeno. Isso porque já há um entendimento do STF de que não há guarida no argumento da companhia de que a renovação do prazo das concessões de São Simão,

Miranda e Jaguará deveria ser automática, pois se trata de uma possibilidade e não algo mandatório.

O segundo ponto que leva os advogados a considerarem baixas as chances de sucesso de uma investida jurídica da Cemig contra o leilão é o fato de o certame ter sido bem-sucedido. "Foi legítimo, não teve vícios, foi realizado de forma transparente e pública. O terceiro de boa-fé não pode ser afetado por um eventual pleito da Cemig", diz um especialista que pediu para não ser identificado. No limite, se for o caso, a estatal mineira poderia ser indenizada por perdas e danos se tivesse algum direito.

A avaliação de que a percepção de risco dos investidores era baixa também foi feita no Ministério de Minas e Energia. O secretário-executivo da pasta, Paulo Pedrosa, afirmou em entrevista à imprensa após o certame que "a resposta está dada pela presença dos investidores, que fizeram propostas concretas de valor significativo."

Os executivos que estavam representando as companhias vencedoras também ressaltaram não ver riscos. A presidente no Brasil da Pacific Hydro, controlada da SPIC, disse que a participação no certame mostrou a disposição da empresa de investir no país, assim como sua confiança nas instituições brasileiras, apesar da desconfiança quanto aos rumos das conversas entre a Cemig e o governo em torno de um acordo para tirar usinas da disputa.

Também presente ontem, Guanhua Li, diretor-executivo do departamento de estratégia da chinesa, disse estar "feliz e confiante no Brasil como parceiro econômico no setor elétrico."

Em nota, o presidente da Enel no Brasil, Carlo Zorzoli, comemorou a vitória e disse que o leilão demonstrou que a italiana continua com uma estratégia de crescimento de longo prazo no país.

As duas empresas não quiseram comentar sobre as estratégias de financiamento para o leilão. Já a Engie declarou que vai utilizar o mercado financeiro. "Já temos bancos oferecendo [propostas]. Vamos buscar financiamento de custo baixo e prazo longo. Estamos discutindo detalhes com quatro ou cinco bancos", disse, ao Valor, Maurício Bähr, presidente do grupo Engie no Brasil. A companhia é controladora da Engie Brasil Energia.



